



Pecado da Língua ou Alquimia do Diabo?

pelos padres do Priorado Padre Anchieta



Vivemos uma situação cada vez mais confusa, porque nos jornais e depois na internet iniciou-se uma contínua discussão, em que cada um quer ensinar os outros. Para tornar a ser uma referência, não hesitaram em empregar meios injustos da maledicência para desacreditar as outras pessoas. O uso da língua e o ataque à honra dos outros começaram a ser moedas correntes. A situação que resultou disso foi contendas entre pessoas que no entanto defendiam a tradição. Esta análise da situação nos conduz a abordar uma questão importante, a do pecado da língua.

Como veremos, já os inimigos da Igreja eram peritos nesta arte e talvez influenciaram os católicos que estavam à busca dum meio de neutralizar os outros católicos e assim se destacar. Os pecados da Língua pretendem à mesma eficácia que a alquimia, embora de maneira negativa. Em



vez de transformar tudo em ouro, transformam tudo em lixo. A força da maledicência e da calúnia que vamos chamar por isso a Alquimia do demônio, consegue transformar o bem em mal. O bom trabalho dos outros vai ser desprezado pela influência da maledicência e o que podia ser bom vai ser suspeito de esconder um mal e assim o bem será considerado um mal em potência e o mal um bem ou uma coisa necessária.

Jesus Cristo nos aconselha a não fazer acepção de pessoas mas falar segundo a Verdade e a Justiça.

No texto a seguir, vamos ver como esta arma da maledicência é uma predileção dos inimigos da igreja, inspirados pelo rei da mentira.

Eis o plano traçado pelos maçons:

“O trabalho que vamos empreender não é obra nem de um dia, nem de um mês ou ano: pode durar muitos anos, um século talvez; mas , em nossas fileiras, morre o soldado e o combate continua. Não está em nossa mente trazer os Papas para a nossa causa, fazer deles neófitos para os nossos princípios, propagadores de nossas idéias...O que devemos pedir, procurar e encontrar, como os judeus esperam o Messias, é um papa adaptado às nossas necessidades...Ganganelli entregou-se, pés e punhos amarrados, aos ministros dos Bourbons que lhe inspiraram medo, aos incrédulos, que apregoavam a sua tolerância, e Ganganelli tornou-se um grande Papa (Papa Clemente XIV, que teve a covardia de não resistir aos governos políticos, que queriam suprimir a Companhia de Jesus, assinou um documento contra esta no dia 30 de Abril de 1770). Outro, mais ou menos assim, é que nos convinha agora, se possível. Assim, marcharemos com mais firmeza, ao assalto da Igreja, do que por meio dos escritos... Quereis saber a razão? Porque, deste modo, para destruímos o rochedo sobre o qual fundou Deus a Sua Igreja, não precisamos de vinagre corrosivo, pólvora, ou mesmo de nossos braços: teremos o dedinho do sucessor de Pedro envolvido na conspiração, e este dedinho vale, em tal cruzada, todos os Urbanos II e S. Bernardos da cristandade... Não duvidamos chegar a este termo de nossos esforços, mas quando e



como?... É mister deixar os incorrigíveis na escola de Gonsalvi ou procurar nos nossos arsenais de popularidade as armas que lhes tornaram ridículo ou inútil o poder, quando o tiverem nas mãos. Uma palavra, que se inventa com habilidade e se tem a arte de derramar no seio de certas famílias honradas e escolhidas, para que daí desça aos botequins e destas às ruas: uma palavra pode, algumas vezes, matar um homem. Se um padre chegar de Roma, para exercer algumas funções públicas nos confins da Província, indagai logo qual é o seu caráter, antecedentes, qualidades e defeitos, principalmente. É ele um inimigo declarado? Envolvei-o com todos os laços que puderdes armar-lhe debaixo dos pés: **criai-lhe uma dessas reputações**, que atemorizam as crianças e as velhas; pintai-o cruel e sanguinário, contai alguns feitos de crueldade que possam gravar-se na memória do povo. **Quando os jornais, por intervenção nossa, aproveitarem-se destas narrações, que eles embelezarão, inevitavelmente, pelo respeito à verdade, mostrai, ou antes, fazei mostrar por algum respeitável imbecil, essas folhas, onde estão relatados os nomes dos indivíduos e os excessos inventados... Esmagai o inimigo quem quer que seja, esmagai o poderoso à força da maledicência ou de calúnias; mas, principalmente, esmagai-os no ovo...**” (*Documento da Maçonaria: Instrução secreta e permanente da Venda Suprema, 1819*)

A) O pensamento da Igreja católica na sua teologia:

A honra e a reputação é como que a vida social do indivíduo, atentar à honra ou à reputação do próximo é atentar contra a sua vida na sociedade, e é portanto, um ato grave. Devemos pensar muito, antes de agredir assim a honra ou a reputação do próximo. Perder a honra e a reputação é, às vezes, pior do que perder a vida. Não devemos fazer aos outros o que não queremos que se faça a nós.

Podemos chegar rapidamente ao pecado mortal, que, para ser perdoado, exige a reparação adequada, que consiste em restaurar a honra danificada pela calúnia, pelo julgamento temerário, pela maledicência, pela má interpretação da atividade do próximo, pela sugestão maldosa etc.



Os antigos diziam que, antes de falar sobre o próximo, deveríamos respeitar três regras: 1º Saber se o que queremos dizer é verdade; 2º se o que queremos dizer é útil; 3º se o que queremos dizer vem dum coração bom e benevolente.

Então, devemos nos abster de falar sobre o próximo, cada vez que não temos certeza que não seja profícuo e que estejamos animados pela impaciência, pelo ódio, antipatia, vingança etc.

A teologia moral ensina o seguinte para nos ajudar a respeitar a justiça nesta área:

Não é menos necessário respeitar a reputação e honra do próximo do que respeitar os bens e até a vida física do próximo.

a) evitar-se-ão, pois, os juízos temerários sobre o próximo: o condenar os nossos irmãos por simples aparências ou por motivos mais ou menos fúteis, sem conhecer a fundo as suas intenções, é usurpar o direito de Deus, único juiz supremo dos vivos e dos mortos, é cometer injustiça para com o próximo, pois se se condena sem ser ouvido nem conhecidos os motivos secretos das suas ações, e na maior parte das vezes, sob o império de preconceitos ou de qualquer paixão. A justiça e a caridade exigem, ao contrário, que nos abstenhamos de julgar, e interpretemos o mais favoravelmente possível as ações do próximo.

b) Com maior força de razão, devemos nos abster da maledicência, que manifesta aos outros as faltas ou defeitos secretos do próximo. Embora sejam muito reais esses defeitos; mas, enquanto não são do domínio público, não temos direito de os revelar. Se o fazemos: 1) contristamos ao próximo que, ao ver-se atingido na sua reputação, sofre com isso tanto mais quanto mais aprecia a honra. 2) abatemo-lo da estima dos seus semelhantes; 3) enfraquecemos a autoridade, o critério de que ele tem necessidade para gerir os seus negócios ou exercer legítima influência, e deste modo, causamos muitas vezes prejuízos quase irreparáveis.



Nem se diga que aquele, cuja faltas se divulgam, já não tem direito à fama; conserva-o, enquanto as faltas não são públicas; e, seja como for, não se deve perder de vista a palavra de Jesus Cristo: “Quem de vós estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra” Jo. VIII, 7.

É de notar que os santos são extremamente misericordiosos, e buscam todos os meios para salvaguardar a reputação de seus irmãos. Imitemo-los. De fato, nos exercícios revelados pela Mãe de Deus a Santo Inácio, encontramos esta regra 22 que diz assim: Para que tanto o que dá os exercícios espirituais como o que os recebe, mais se ajudem e aproveitem, se há de pressupor que todo o bom cristão deve estar mais pronto a salvar a proposição do próximo que a condená-la; se não pode salvar, inquirir como a entende, e, se entende mal, corrija-o com amor; e se não basta, busque todos os meios convenientes, para que, entendendo-a bem, se salve.” (Exercícios de Santo Inácio n° 22)

c) E deste modo mais seguro, estaremos evitando a calúnia, que, por meio de imputações mentirosas, acusa o próximo de faltas que ele não cometeu. O que é seguramente injustiça, tanto mais grave quanto é certo que, muitas vezes, é inspirada pela maldade ou pela inveja. E que males não acarreta! Demasiado bem acolhida, infelizmente, pela malícia, circula rapidamente de boca em boca, destrói a reputação e a autoridade daqueles que dela são vítimas, e por vezes, causa-lhes prejuízo considerável, até mesmo nos negócios temporais.

É pois dever estrito de reparar as maledicências e as calúnias. É difícil sem dúvida, pois custa retratar-se, e, depois a retratação, por sincera que seja, não faz mais que paliar a injustiça cometida: a mentira ainda quando se desdiz, deixa muitas vezes vestígios indelévels. Isso, porém, não é razão para não reparar a injustiça cometida; é dever até aplicar-se a isso

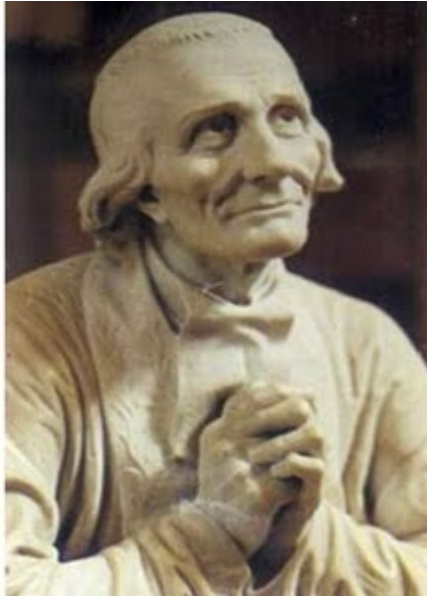


com tanto mais energia e constância quanto maior é o mal. Mas, a dificuldade duma reparação deve-nos levar a abstermo-nos de tudo quanto, de perto ou de longe, nos pudesse fazer cair nesse grave defeito.

Eis o motivo porque as pessoas, que aspiram à perfeição, cultivam não somente a justiça, senão também a caridade que, fazendo-nos ver a Deus no próximo, nos leva a evitar solícitamente tudo quanto a possa contristar.



B) Qual é o ensinamento da Igreja sobre este assunto, através dos sermões de São João Maria Vianney, padroeiro dos Párocos.



Primeiro Sermão - do 11º Domingo depois de Pentecostes

“Graças dou-Vos, ó Meu Deus porque eu não sou como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este publicano que está por aí” (S. Lucas XVIII,11)

“Tal é, meus caros irmãos, a linguagem dos orgulhosos, que cheio de boa estima por si próprio, despreza, em pensamento, o próximo, censura a sua conduta, e condena as ações que são realizadas com as intenções mais puras e mais inocentes. Não encontra fora de si mesmo, nada que seja bem dito ou bem feito; se pode vê-lo sempre a espiar as palavras e as ações do seu vizinho, e sobre as menores aparências de mal, sem nada examinar, já censura, julga e condena-os. Ah! maldito pecado, quantas divisões, ódios, contendas tu causas, e para melhor



dizer, quantas almas arrastas tu nos infernos! Sim Meus caros amigos, vemos que uma pessoa que está sujeita a este pecado escandaliza-se e está chocado por tudo. Era necessário que Jesus Cristo julgasse este pecado muito mau, que os danos que faz no mundo fossem muito assustadores; por que para nos inspirar tanto horror que for possível, apresenta-o numa maneira tão clara e tão sentida na pessoa deste fariseu. Ah, meus caros irmãos, quão grandes e assustadores são os males que acarreta este maldito pecado! Oh, como é difícil se corrigir dele por aquele que já está afetado deste vício. Para vos empenhar, meus caros irmãos, a nunca vos deixar domar por um tão mau defeito, vou vos mostrar 1) a Malícia deste pecado; 2) os meios que devemos empregar para nos garantir dele.”

1º— digo primeiramente , que o julgamento

temerário é um pensamento ou uma palavra desvantajosa sobre a conta do próximo e sob ligeiras aparências. Só dimana dum coração mau, repleto de orgulho e de inveja; porque um bom cristão, que é penetrado da sua miséria, não pensa nem julga mal de ninguém; nunca ao menos, sem ter um conhecimento certo, e mesmo assim, somente quando está obrigado por dever de vigiar sobre estas pessoas e nunca de maneira outra. Dizemos, meus caros irmãos, que os julgamento temerários brotam no coração dos orgulhosos e dos invejosos, o que é muito fácil entender. Um orgulhoso e um invejoso apenas tem boa opinião dele mesmo, e interprete a mal tudo o que o próximo pode fazer; o bem que ele nota no próximo aflige-o e o rói de tristeza. A sagrada Escritura nos dá um bom exemplo em Caim, que virava em mal tudo o que o seu irmão fazia^a. Vendo que era agradável a Deus, Caim concebeu o projeto de matá-lo. Foi o mesmo caso com Esaú que quis matar o seu irmão Jacó^b. Passava o seu tempo a espiar o que ele fazia, pensando sempre o mal no seu coração, não encontrando boas ações. Mas o seu irmão Jacó, que tinha um coração bom e um espírito humilde, não só não pensava mal do seu irmão, mas também amava-o de todo o seu coração, pensava sempre bem dele,

^a Gen. 4, 5

^b Gen. 27, 41



desculpava as suas ações, apesar de muito más, pois que ele buscava lhe tirar a vida. Jacó fazia tudo para lhe mudar as disposições do coração do seu irmão rezava a Deus por ele, fazia-lhe até presentes para lhe demonstrar que ele o amava e que tinha os pensamentos que Esaú imaginava. Ai meu Deus, meus irmãos, como é mau este pecado no coração dum cristão que não consegue sofrer o bem dos outros, tornando mal tudo o que os outros fazem! Sim , meus irmãos, este pecado é um verme roedor que devora dia e noite estas pobres pessoas: vede-los sempre tristes, melancólicos, sem querer confessar o que o cansa, porque o orgulho poderia ser ferido; este pecado fá-los morrer à fogo brando. Ó meu Deus, que triste vida! Mas que vida mais feliz, meus irmãos, que a daquele que não está inclinado a julgar mal o seu próximo, que pensa sempre bem dos outros! A sua alma está em paz, não pensa mal senão apenas dele próprio, e por ai, humilha-se diante de Deus e espera na Sua Misericórdia. Eis ai um bom exemplo.

Lemos na biografia dos Padres do deserto, que um religioso que levou uma vida das mais puras e das mais castas, foi atingido por uma doença, e morreu. Como ele era perto da sua morte, e todos os religiosos do mosteiro estavam à volta dele, o superior pediu-lhe que lhes dissesse em que ele pensava ter sido mais agradável a Deus. “Meu padre, respondeu o religioso santo, isso é muito difícil para mim, mas por obediência, eu vos vou dizê-lo. Desde a minha infância, eu foi vitima de muitas tentações fortes da parte do demônio; mas tanto mais ele me atormentava, tanto mais Deus me consolava, bem como a Virgem Maria, que um dia que eu estava bem atacado pelo demônio, me apareceu bem repleta de glória, repeli o Demônio e encorajou-me a perseverar na virtude. A fim, diz-me ela, de vos tornar os meios mais fáceis, eu vou vos desvendar alguma coisa das riquezas do Meu filho divino; quero vos ensinar três coisas, que, se as praticais bem, vos tornarão muito agradável aos olhos de Deus, e vos fará vencer facilmente o demônio, vosso inimigo, que apenas busca a vossa perda eterna. Há de vos humilhar: no comer, nunca buscar o que vos agrada mais, no vestir, sempre com vestido simples; nas vossas funções, nunca buscar o que podia vos enaltecer aos olhos do mundo, mas o que pode vos manter na humildade; para com o vosso próximo, nunca julgai



mal nem as palavras, nem as ações dele que o vede a fazer, porque muitas as vezes os pensamentos do coração não são as mesmas do que parece na ação. Julgai e pensai bem de toda as pessoas; é uma ação agradável ao meu Filho. A santa Virgem desapareceu dizendo-me isso, e é por fazer isso que me aplicou desde este tempo; o que me fez muito merecer para o céu.”

Depois disso, meus irmãos, vedes portanto que só há um coração mau que possa julgar mal do seu próximo. Além disso, não devemos julgar o próximo sem ter em consideração a sua fraqueza e o seu arrependimento que ele pode ter do seu pecado. Ordinariamente, e quase sempre, arrependemo-nos de ter mal pensado ou mal falado dos outros, porque, muitas vezes, depois de ter bem examinado, reconhecemos que o que tínhamos falado do próximo era falso. Acontece o que ocorreu aos que julgaram a casta Susana, sob o relatório de dois falsos testemunhas, sem ter-lhe dado o tempo de se justificar^c; outros imitam a presunção e a malícia dos judeus, que publicaram que Jesus Cristo era um blasfemador^d, era do demónio^e, enfim, outros conduzem-se como fariseus, que, sem examinar se a Madalena tinha renunciado às suas desordens, ou não, apenas considerava-a como uma infama pecadora^f, apesar de vê-la aflita chorando ao pé de Jesus, o seu Salvador e Redentor.

O Fariseus, meus irmãos, que Jesus nos apresenta como um modelo infame daqueles que pensam e que julga mal do próximo, caiu, segundo toda a aparência, em três pecados. Condenando este pobre publicano, pensa mal, julga mal e condena-o, sem mesmo conhecer as disposições do seu coração. Pronunciava o seu julgamento apenas com conjunturas: eis, meus irmãos, o primeiro carácter do julgamento temerário. Ele julga em si próximo apenas por um efeito do seu orgulho e da sua malícia: eis o segundo carácter deste maldito pecado. Enfim, não sabendo se o que ele lhe imputava era falso ou justo, julgou e condenou-o;

^c Dan. 13, 41

^d Mt. 9, 3

^e João 7, 20

^f Lc 7, 39



enquanto que este penitente, recolhido numa esquina do templo, batia a seu peito, e regava o pavimento com as suas lágrimas pedindo misericórdia ao bom Deus.

Digo , 1º, meus irmãos, que o que dá tantas ocasiões de julgamentos temerários, é que consideramos isso apenas como pouca coisa; enquanto que, muitas as vezes, pode haver pecado mortal, se a matéria é considerável. — mas, dir-me-eis, isso só ocorre no coração . — É precisamente o que torna o pecado especialmente mau, ao passo que o nosso coração é criado só por amar a Deus e o próximo; e é ser um traidor... Muitas vezes, de fato, em nossas palavras deixamos crer (aos outros) que os amamos, que temos uma boa opinião deles; enquanto que, em nós mesmo, odiamo-los. Mas há outros que pensam que, ao não dizer o que eles pensam, não há mal nenhum. É verdade que o pecado é menos quando não o manifestamos ao exterior, porque, então, seria um veneno que tentaríamos destilar no coração do nosso vizinho contra o próximo.

Se este pecado é já grande, desde que o cometemos no nosso coração, eu deixo-vos imaginar o que ele é aos olhos de Deus, quando temos a infelicidade de manifestá-lo por palavras. Isso deve levar-nos a bem examinar as coisas antes de pronunciar um julgamento sobre o nosso próximo, por medo de se enganar: o que nos acontece muitas vezes. Vede um juiz, quando condena umas pessoas à morte: introduz os testemunhas, um após outro; interroga-os, é extremamente atento ao examinar se eles não se contradizem; ameaça-os, olhando para eles afivelando um ar temível: o que provoca o temor e o susto nos corações; faz até todos os esforços para tirar , se possível, a verdade da boca do réu. Vedes que , na menor dúvida, ele suspende o seu julgamento; e se sente obrigado a fulminar a sentença de morte, faz isso só tremendo, no receio de condenar uma pessoa inocente. Ah! meus irmãos, quantos julgamentos a menos, se tivéssemos a felicidade de tomar todas estas cautelas ao querer julgar a conduta do nosso próximo. Ah!, meus irmãos, quantas almas a menos nos infernos!

Deus nos dá um bom exemplo da maneira com que devemos julgar o próximo, e isso na pessoa do nosso primeiro pai Adão. O senhor tinha certamente visto e ouvido tudo do que eles disseram e fizeram; podia muito bem condenar os nossos primeiros pais sem mais



exame; mas não, para nos ensinar a não precipitar nada no julgamento que queríamos pronunciar contra as ações do próximo, Ele os interrogou um após outro, para que confessassem o mal que tinham cometido^g. Donde pode vir, meus caros irmãos, esta multidão de julgamentos tão precipitados sobre a conta do próximo? Ai meu Deus, dum grande orgulho que nos cega escondendo-nos os nossos próprios defeitos, que são inumeráveis, e, muitas vezes, muito mais horroroso do que os defeitos das pessoas que condenamos; e podemos dizer que quase sempre enganamo-nos julgando mal as ações do próximo. Eu vi alguns que muito com certeza faziam julgamento falso; apesar de ser advertido que se enganavam, não queriam abandonar esta maneira de julgar. Pois vamos, pobres orgulhosos, Deus está a esperar por vós, e diante Dele, sereis bem obrigados de reconhecer que apenas era o vosso orgulho que vos levava a julgar mal do vosso próximo. Por outro lado, meus caros irmãos, para julgar uma pessoa na base do que ela diz ou faz, e não se enganar, seria necessário conhecer as disposições do coração e a intenção que ela tinha quando fazia ou dizia isso. Ai meu Deus, meus caros irmãos, não tomemos todas estas cautelas: o que nos leva a tanto fazer mal examinando a conduta dos nossos vizinhos. Fazemos como que se condenaríamos à morte uma pessoa seguindo o mero relatório de algumas pessoas levianas, sem deixar-lhe o tempo de se justificar.

Mas, dir-me-eis talvez, julgamos apenas o que vemos, e ouvimos; e o de que somos testemunhas: “eu o vi fazer tal ação, logo sou testemunha; ouvi o que ele disse, com os meus próprios ouvidos; segundo isso, não posso enganar-me.” — Pois bem, eu dir-vos-ia de começar por entrar em vosso coração que é apenas um montão de orgulho, que é como que completamente queimado por este vício: reconhecer-vos-eis infinitamente mais culpáveis que aquele que julgais tão temerariamente, e tendes muito mais motivos de temer que um dia o vereis entrar no céu, enquanto que sereis arrastados pelos demônios nos infernos! “Ah! Desgraçados orgulhosos, diz-nos Santo Agostinho, atreveis-vos a julgar o vosso irmão a partir das menores aparências de mal, e será que sabeis se ele já não se tinha arrependido das suas faltas, e se ele não é já do número dos amigos de Deus? Acautelais-vos somente de que

^g Gen. 3



ele tomasse o lugar que o vosso orgulho está a vos pôr em perigo de perder.” Sim, meus caros irmãos, todos estes julgamentos temerários e todas estas interpretações só pode dimanar duma pessoa que tem um orgulho secreto, que não se conhece, e que se pretende conhecer o interior do seu próximo: o que é só conhecido de Deus. Ai meu Deus! meus caros irmãos, se conseguirmos levar a cabo de erradicar este primeiro pecado capital do nosso coração, nunca o nosso próximo seria tão mal e nunca perderíamos o tempo de examinar a sua conduta; bastar-nos-ia de chorar os nossos pecados e de trabalhar , tanto quanto poderíamos, em corrigir, e nada mais. Não, meus caros irmãos, Não penso que haja pecado maior a temer e mais difícil de emendar, e isso, até nas pessoas que parecem cumprir os seus deveres religiosos. Sim, meus caros irmãos, uma pessoa que não está atingido por este maldito pecado pode se salvar sem grande penitência; eis um exemplo: aconteceu na vida dos Padres do deserto que um monge tinha levado uma vida muito ordinária e que aparecia ao ver dos outros religiosos, muito imperfeita. Estando na hora da sua morte, o superior via-o tão tranquilo e tão contente como se o céu lhe era assegurado. Admirado desta paz, e temendo que isso fosse este engano que muitas as vezes o demônio consegue inspirar nas almas, diz-lhe o seguinte: “Meu Irmão, parece-me que sois bem tranqüilo e como uma pessoa que não tem nada a temer; no entanto, a vossa vida não tem nada que possa vos assegurar; pelo contrario, o pouco de bem que fizestes deveria vos assustar, no momento em que mais santos tremiam”. — “isso é verdade, meu padre, lhe respondeu o religiosos, tudo o que consegui fazer é muito pouca coisa, e quase nada; mas o que me consola neste momento, é que, em toda a minha vida, fui preocupado de cumprir o preceito do Senhor, que é dado a toda gente, de nunca pensar, falar, julgar mal de ninguém: pensava que todos os meus irmãos faziam melhor do que mim, sempre acreditei que eu era o maior criminoso do mundo; sempre escondi e desculpei as faltas deles na medida em que Deus queria, e porque Jesus dizia: “Não julgai, e não sereis julgados”, espero ser julgado favoravelmente. Eis, meu padre, em que se assenta a minha esperança.” O superior, tudo admirado disso, exclamou: “Ah que linda virtude, como sois dum grande preço diante de Deus! Ide em paz , meu irmão, fizestes tudo, o céu vos é assegurado! ” ó que linda virtude, como sois rara! Ai meu Deus! Sois tão rara como raros são aqueles que são pronto para o céu!



De fato, meus caros irmãos, o que seria um cristão que tivesse todas as virtudes sem ter esta ? Ai meu Deus apenas é um hipócrita, um falso, um mau, que, por ser virtuoso exteriormente, não é senão pior e mais maldoso. Quereis, meus caros irmãos, saber se pertenceis a Deus? Vede a maneira com que vos comportais com o próximo, vede como examinais e julgais as ações dele. Vamos pobres orgulhosos, pobre invejosos, o inferno está a espera por vós, e mais nada. Mas abordamos isso de mais perto.

Falar-se-ia bem duma filha narrando as suas boas qualidades? Ah, dirá um, se ela tem boas qualidades, também tem más; frequenta a companhia dum tal que não tem muito boa reputação; estou com certeza que não se encontram para fazer o bem. Eis uma tal que anda bem vestida e que veste bem os seus filhos, mas deveria antes pagar as suas dívidas. Ao ver uma tal, parece ela boa e afável com toda a gente, mas, se a conhecerdes como eu a conheço, julgá-la-ia muito diferentemente; ela fez todas estas caretas apenas para esconder as suas desordens; um tal vai pedi-la em casamento, mas se ele me pedisse um conselho, eu indicarlhe-ia o que ele não sabe sobre ela; para dizer melhor, é um mau sujeito.— Quem é esta pessoa que passa? Dirá um outro. Ai meu Deus! É melhor não conhecê-la, ignorá-la, não seria grande mal; não vou vos dizer algo a mais. Afastai-vos da sua companhia, é um verdadeiro escandaloso; toda a gente o considera como tal. Olhe, é tal como esta mulher que faz a sábia e a devota, não há pior pessoa que uma vez a terra suportou; alias, é o ordinário destas pessoas que querem passar por virtuosas, ou, se quereis, por ser sábia, mas que são más, vingativas.— Talvez, esta pessoa vos tenha feito algum ultraje? — Oh, Não; mas sabeis que elas são todas as mesmas. Eu estive um dia com um dos meus antigos conhecidos, é um bom bêbado e um famoso insolente. — Talvez, dirá o outro, ele tivesse cometido algo de irritante contra vós ? – Ah! Não; nunca ele me diz coisas que não se deve, mas todas as pessoas consideram-no como tal. – Se não fosse vós a dizer-me isso, não seria eu capaz de acreditar nisso. — Quando ele está com aqueles que não o conhecem, ele sabe fazer o hipócrita, para fazer acreditar que é homem honesto. É como um dia que eu estava com um tal, que conheceis bem, era também um homem virtuoso: mas se não faz mal a ninguém, não devemos por isso lhe dar a nossa confiança, porque ele só age assim, não podendo fazer de



outro modo; asseguro-vos que eu não quereria ficar sozinho com ele. — Talvez, porque ele já vos fez mal algumas vezes, dirá o outro? .— Não, nunca, porque nunca tive negócio algum com ele. — Mas então como sabeis que ele é um mau individuo?. — Oh não é difícil afirmar isso, todas as pessoas dizem isso. É também aquele que estava um dia conosco: ao ouvi-lo falar, dir-se-ia que ele é o homem mais caridoso do mundo, que não recusa algo a quem lhe pede; enquanto que ele é um avaro de primeira, que para ganhar dois centavos, percorreria dez léguas. Asseguro-vos que hoje já não se conhece bem o mundo, não se pode dar confiança a ninguém. É ainda aquele de que vos falava recentemente: ele realiza bem os seus negócios, está bem comportado, todos os seus estão muito bem estabelecidos. Isso não é muito difícil, ele não dorme a noite inteira. — Talvez, o senhor o apanhasse em flagrante furtando? - Oh! Não, nunca o vi roubar nada; mas, diz-se que uma noite ele entrou na sua casa muito carregado; além disso, ele não tem muita boa reputação. Ele conclui, dizendo: asseguro-vos que eu não sou perfeito, mas ficaria muito irritado de valer menos do que esta pessoa.

Vede este famoso fariseu, que jejua duas vezes por semana, que paga o dízimo de tudo o que ele possui, e que agradece a Deus de não ser como o resto dos homens, que são injustos, ladrões e adúlteros! Vede este orgulho, este ódio e esta inveja!

Mas, diga-me, meus caros irmãos, sobre o que se fundamentam estes julgamentos e estas sentenças? Que pena! É sobre fracas aparências, e muitas vezes, sobre um boato. Mas, talvez, dir-me-eis que já tendes tudo visto, tudo ouvido. Que pena! Podeis vos enganar no mesmo, ouvindo e olhando, como vereis. 1º para não se enganar, é necessário conhecer as disposições do coração da pessoa, a sua intenção realizando a ação. Eis um exemplo que vai vos mostrar, como não se possa melhor, que podemos facilmente nos enganar, e que enganamo-nos quase sempre. Digais-me, meus caros irmãos, o que teríeis dito se vivêsseis no tempo de São Nicolau, e que o visse andar durante a noite rodear à volta da casa de três moças, examinando bem, e acautelando-se de que ninguém o visse. Eis um bispo, teríeis logo pensado, que desonra o seu caráter, pois é um famoso hipócrita; na igreja, ele parece ser um santo, e ei-lo durante a noite, à porta de três moças, que não têm muita boa reputação. No entanto, meus



caros irmãos, este bispo que certamente teria sido condenado, era um grande santo e muito querido de Deus; porque o que ele fazia era a melhor obra do mundo. Para evitar que estas moças sejam envergonhadas de mendicar, ele vinha de noite jogar dinheiro pela janela dentro do quarto, receando que a pobreza as obrigasse a se entregar ao pecado. Se tivesse visto a linda Judite deixar o seu traje de luto, e revestir tudo o que a natureza e a arte podia lhe oferecer, para realçar a sua formosura, que era extraordinária, teríeis dito com certeza, vendo-a entrar no quarto do general da tropa, que apenas era um vicioso inveterado; vendo-a, digo eu, parecendo fazer tudo o que podia para agradar-lhe, teríeis dito: “*Eis uma mulher de má vida*”^h, e no entanto, era uma viúva piedosa, muito casta e agradável a Deus, que expôs a sua vida para salvar a do seu povo. Diga-me, meus irmãos, com a vossa precipitação em julgar mal o vosso próximo, o que teríeis pensado, se tivésseis visto o Casto José sair do quarto da mulher de Putifar, e ouvindo gritar a mulher, tendo na mão um pedaço do manto de José, perseguindo-o como que um infame, que quis abusar da sua honraⁱ? Logo, sem examinar, teríeis pensado e dito que este jovem era um mau sujeito e um libertino, por ter tentado induzir esta mulher no mal, e ainda por cima a mulher do seu mestre, de quem ele recebeu tantos benefícios. De fato, Putifar, o seu mestre, condena-o, e todas as pessoas julgam-no réu, censuram-no e desprezam-no; mas Deus, que conhece o fundo do coração e a inocência de José, felicita-o da sua vitória, do fato de ele preferir, antes perder a sua reputação e até a sua vida, do que perder a sua inocência, cometendo o menor pecado.

Sereis de acordo comigo, meus irmãos, do grande perigo em que estamos de julgar mal as ações do nosso próximo, apesar de todos os conhecimentos e as referências certas que nos pensamos ter? O que nos deve levar a nunca julgar as ações do nosso próximo sem ter bem refletido antes, e ademais, só quando somos encarregados da conduta destas pessoas, como o são os pais e as mães, os mestres e professores; mas, quanto às outras pessoas, é quase sempre mal tentar julgar os outros. Sim, meus irmãos, já vi pessoas julgarem mal das intenções do seu próximo, que eu conhecia muito bem, que eram boas. Por mais que eu lhes fizesse

^h Judite 10, 3-17

ⁱ Gen. 39, 16



entender isso, já não valia a pena. Que pena! Maldito orgulho, quanto mal tu fazes e quantas almas tu conduzes para o inferno! Digais-me, meus irmãos, estamos mais fundamentados nos nossos julgamentos, que lançamos sobre as ações do nosso próximo do que aqueles que teria visto São Nicolau, que rodeava à volta da casa destas três moças e que tentava descobrir a janela do quarto delas; estamos mais seguros do que aqueles que teriam visto Judite adornando-se vantajosamente, antes de parecer no quarto de Holofernes? Não, meus irmãos, não estamos mais seguros dos julgamentos que lançamos contra o nosso próximo, do que aqueles que viram a mulher de Putifar com o pedaço de manto de José na mão, e gritando a todos aqueles que podiam ouvir as acusações contra José de a ter ofendido na sua honestidade. Eis, meus irmãos, três exemplos que o Espírito Santo nos deixou, para nos ensinar como as aparências são enganadoras, e como nos arriscamos a pecar, julgando mal as ações do próximo; sobretudo, quando não temos a obrigação de dar conta da conduta deles no tribunal de Deus.

Vemos que o fariseu julgava muito temerariamente este publicano de ser um ladrão, porque cobrava os impostos (em nome dos romanos); dizendo, sem saber nada, que ele exigia injustamente mais do que devia e usava da sua autoridade para fazer injustiças. No entanto, este pretense ladrão retira-se do templo de Deus, justificado, e este fariseu, que se imaginava perfeito, regressa a casa mais culpável; o que nos mostra que, na maior parte das vezes, o que está julgando é mais culpável do que aquele que é julgado.

Mas, como são maus estes corações orgulhosos, invejosos, ciumentos, pois que são estes três vícios que levam a julgar mal dos vizinhos. Alguém foi roubado? Temos perdido alguma coisa? Logo, pensamos que talvez seja um tal que fez isso e pensamos sem ter o menor conhecimento. Ah! meus irmãos, se conhecêsseis bem este pecado, veríeis que é um dos pecados mais temíveis, que é o menos conhecido e o mais difícil de se emendar. Tentai ouvir estes corações imbuídos deste vício. Se alguém exerce um emprego, assume um cargo em que os outros cometeram injustiça; logo, eles concluem que todos aqueles que desempenham este papel fazem o mesmo, que não valem mais do que os outros, que são todos ladrões e sem escrúpulos. Se, numa família, um filho se comporta mal, todos os outros já não valem nada.



Se, numa paróquia, algumas pessoas cometeram uma coisa escandalosa, toda a paróquia é composta de maus elementos. Se, dentre os sacerdotes, há alguns que não são tão santos como deveriam, todos os outros são da mesma, não valem nada: o que ordinariamente é um pretexto para desculpar a sua própria indiferença pela salvação. Porque Judas não valia nada, quereria fazer acreditar que os outros Apóstolos também não valiam nada? Do fato de Caim ser um mau elemento, pensais que o seu irmão Abel era semelhante a ele? Não, sem dúvida. Porque os irmãos de José foram miseráveis e tão maus, pensais que José foi o mesmo? Não, certo, pois que foi um santo. Se vemos alguém que recusa a esmola a um pobre, logo dizemos que é avarento, que tem um coração mais duro que uma pedra, que, ademais, nunca valeu nada; enquanto que teria feito em segredo grandes obras de caridade, que só vamos conhecer no julgamento final.

Que pena! meus irmãos, digamos que cada um fala da “abundância do coração”, como diz muito bem Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo; “*conhecemos a árvore pelos seus frutos*”^j. Quereis conhecer o coração duma pessoa? Escutai-a a falar. Um avarento sabe falar somente dos avarentos, daqueles que enganam, que são injustos; um orgulhoso não pára de aborrecer os ouvintes acerca daqueles que querem se fazer valer aos olhos dos outros, que pensam ter muito espírito, que se gabam do que eles fazem ou dizem. Um impúdico não tem nenhuma palavra na boca, senão que um tal leva uma vida má; que tem uma relação com uma tal, que perdeu a reputação; etc...porque seria demasiado longo de entrar nestes pormenores.

Que pena! meus irmãos, se tivéssemos a alegria de ser isentos do orgulho e da inveja, nunca julgaríamos as pessoas, contentaríamos-nos em chorar sobre as nossas misérias espirituais e rezarmos pelos pobres pecadores, e nada mais; sendo bem convencido que o Senhor apenas nos exigirá de prestar conta das nossas ações e não das dos outros. Ademais, como nos atrevemos a julgar e a condenar alguém, mesmo ainda que o surpreendêssemos cometendo um pecado? Santo Agostinho não disse que aquele que ontem era um grande pecador, pode ser hoje um santo penitente. Quando vemos muitos males no próximo,

^j Mt. 12, 33-34



digamos ao menos: que pena, se Deus não me tivesse dado mais graças do que a ele, talvez tivesse caído mais gravemente. Sim meus irmãos, o julgamento temerário acarreta necessariamente consigo a ruína e a perda da caridade cristã. De fato, meus irmãos, logo que lançamos uma suspeita sobre alguém de mal se conduzir, já não temos a mesma opinião favorável que deveríamos ter dela. Além disso, meus irmãos, não é a nós que os outros devem prestar conta da sua vida, mas unicamente a Deus; trata-se de se estabelecer em juiz naquilo que não nos compete; os pecados dos outros são por eles mesmos e os nossos pecados serão por nós. Deus não nos pedirá contas do que os outros fizeram; mas, muito antes, pedirá contas do que nós mesmos teremos feito; acautelemo-nos somente de nós e não nos atormentemos tanto dos outros, pensando ou dizendo o que os outros disseram ou fizeram. Tudo isso, meus irmãos, apenas é tempo perdido, que só provém dum orgulho profundo, semelhante ao deste fariseu, que só estava preocupado em pensar e julgar mal do próximo, em vez de bem se cuidar e de gemer sobre a sua própria vida. Não, meus irmãos, deixemos de lado a conduta do próximo, contentemo-nos em dizer, como o santo rei David: “Meu Deus concedei-me a graça de me conhecer, tal como sou, para que eu veja o que pode Vos agradar, que me possa emendar, arrepender e obter o perdão.” Não, meus irmãos, tanto quanto uma pessoa perde o seu tempo em examinar a conduta dos outros, nem ela se conhecerá, nem pertencerá a Deus, quer dizer que continuará a viver no orgulho e na teimosia. O nosso Senhor nos disse: “Não julgueis e não sereis julgados. O Meu Pai vos tratará da mesma maneira do que tratareis aos outros; a mesma medida, que empregareis para os outros, será empregada por vós^k”. Ademais, meus irmãos, quem dentre vós estaria contente, se alguém julgasse mal do que ele faz ou diz? Ninguém na verdade. Nosso Senhor não disse: “Não fazeis aos outros o que não desejais que se façais a vós¹”. Que pena! meus irmãos, quantos pecados cometemos desta maneira! Que pena! Quantas pessoas não conhecem estes pecados e por conseqüência nunca os tinham confessado! Meu Deus, quantas pessoas danadas por não se ter deixado instruir sobre este assunto e de não ter bem refletido nisso!

^k Mt. 7, 1-2

¹ Mt. 7; Tobias 4, 16



II.— Acabamos de ver como este pecado é comum e horrível aos olhos de Deus, e ao mesmo tempo, como é difícil de ser emendado. Para não vos deixar sem vos dar o meio de nos corrigir, vejamos quais são os remédios que devemos empregar para nos preservar dele e para nos corrigir, se temos a desgraça de ter sido culpáveis deste pecado. São Bernardo, este grande Santo, nos disse que, se não quisermos julgar mal o nosso próximo, devemos evitar a curiosidade, este desejo de saber demasiado, e de não nos informar do que faz um ou diz um outro, nem do que acontece dentre das casas. Deixemos o mundo andar como Deus permite que ande, apenas pesando e julgando mal de nós mesmos. Uma vez se dizia a São Tomas, que tinha opiniões demasiadas boas das pessoas e que vários se aproveitavam da sua bondade para o enganar. Ele lhe fez esta muita boa resposta: “talvez, isso seja verdade; mas, penso que somente eu seja capaz de fazer o mal, como sendo o mais miserável do mundo; Prefiro muito antes que eles me enganem, do que eu me enganasse julgando mal o próximo. Escutai o que diz o próprio Jesus Cristo pela boca de São João: “Quem ama o seu próximo, cumpre todos os mandamentos de Deus^m”. Para não julgar mal ninguém, meus irmãos, é preciso sempre separar o que ela faz da intenção que ela teria podido ter, realizando a ação. Talvez, devêsseis pensar em vós mesmos, imaginava ele fazer mal cometendo-o; talvez, propusesse um bom objectivo, ou tinha sido enganado a si mesmo; quem sabe? É talvez por ligeireza e não por Malícia; às vezes, agem sem reflectir, quando eles virem o que fizeram, arrepender-se-ão; Deus perdoa facilmente uma ação de ligeireza, muito se pode acontecer que um dia consigam ser eles bons cristãos e santos...

Santo Ambrósio dá-nos um bom exemplo, no elogio que ele fez do imperador Valentino, dizendo que este imperador nunca julgava mal as pessoas e que castigava os crimes em que caíam os seus súditos, o mais tarde possível. Se eles eram jovens, atribuía as faltas deles à leviandade da idade deles e ao pouco de experiência. Se eram de idade, respondia que a fraqueza da idade deles e da caducidade podia lhe servir de desculpa; que talvez, tivessem durante muito tempo resistido e combatido antes de fazer o mal, e que o arrependimento tivesse seguido de perto pecado. Se eram elevados em dignidade, dizia-se em si próprio: que

^m Rom. 13, 8



pena! Ninguém duvida que as honras e as dignidades seja um grande peso capaz de nos arrastar ao mal; a cada instante, encontramos-la para fazê-lo. Se fosse simples particulares: Meu Deus, dizia ele, esta pessoa fez mal apenas por medo; é sem dúvida, para não desagradar a algumas pessoas, que lhe tinham feito um bem. Se eram completamente pobres: quem pode duvidar que a pobreza seja algo de muito duro? É que eles precisavam disso para não morrer de fome eles ou os seus filhos; talvez, eles fizessem isso somente com arrependimento, com o pensamento de reparar depois o dano. Mas, quando a coisa era demasiado evidente, e já não podia desculpar: Meu Deus, exclamava ele, como o demônio é astuto! Há, talvez, muito tempo que estava a tentá-lo: e ele fez esta falta, é verdade, mas, talvez, o seu arrependimento lhe merecesse o perdão da parte de Deus: o que sabemos? Se Deus me tivesse posto a tanta provas, não teria eu feito mal ainda maior? Como eu teria a coragem de julgar e condená-lo? Ele vai ter tempo suficiente para ser julgado e castigado por Deus, que não se pode enganar nos seus julgamentos; enquanto que nós, na maioria das vezes, enganamo-nos, por falta de luz; mas penso que Deus vai ter piedade dele, e um dia, ele rezará por mim, que posso cair a cada instante e condenar-me.

Vede, meus irmãos, a maneira como que este imperador se comportava; vede como ele em todo o momento, encontrava sempre o que desculpar dos defeitos do seu próximo e interpretava tudo em bem e nunca em mal? Ah, meus irmãos, isto é porque o seu coração era livre deste detestável orgulho e desta negra inveja ou ciúme, em que temos a desgraça de ser orgulhados. Considerai, meus irmãos, a conduta das pessoas do mundo, se eles têm a caridade cristã, que interpreta tudo em bem e nunca em mal. Que pena!, meus irmãos, se tivéssemos a felicidade de lançar um olhar sobre a nossa vida passada, contentaríamos-nos de chorar as nossas misérias, de ter passado dias a praticar o mal e deixaríamos de lado, com certeza, o que não está a ver conosco.

Vemos, meus irmãos, que há poucos vícios de que os santos tinham mais horror como é o da maledicência. Lemos na vida de São Pacômio, que, quando alguém falava mal do seu próximo, afivelava uma aversão impressionante, dizendo que da boca dum cristão, nunca devia sair palavras desvantajosas contra o próximo. Se não conseguia impedir-lhes de



maldizer, fugia com precipitação; mostrava por ai, como isso lhe causava penasⁿ. Ele fugia. São João-O-Esmoleiro, quando via alguém maldizer na sua companhia, mandava ao que tinha a função de abrir a porta de não deixá-lo entrar uma outra vez, se o via regressar, para ensiná-lo a corrigir-se. Um santo solitário dizia um dia a São Pacômio: “Meu padre, como se pode impedir de falar mal do próximo?” São Pacômio respondeu-lhe: “é necessário sempre ter diante dos olhos o retrato do nosso próximo e o nosso: Se olhamos atentamente o nosso e os seus defeitos, então temos a certeza de estimar o do próximo e de nunca falar mal; Amaremos ao menos tal como nós mesmos, considerando-o muito mais perfeito do que nós. Santo Agostinho, sendo bispo, tinha um tal horror da maledicência e do maledicente, que por parar um costume tão mau, e tão indigno dum cristão, que mandou escrever na sala de jantar, estas palavras: “Quem ama dilacerar a reputação do seu próximo, deve saber que esta mesa lhe é proibida.”” Se alguém, até dentre de bispos, infringisse a regra e desatava a proferir maledicência, com tão vivacidade cesurava-o, que chegava a dizer-lhe: “Quer apagai estas palavras escritas nesta casa, quer levantai-vos e ide embora para as vossas casas, antes do fim da refeição; ou se não quereis acabar com estes discursos, eu mesmo me levantarei e vos deixarei ai sozinhos.” Possídio, que escreveu a sua vida, disse-nos que foi testemunha deste fato narrado.”

É relatado na vida de Santo Antão, que ele caminhava com outros solitários que, durante a viagem, falavam de várias boas coisas; mas, como é muito difícil, e até impossível falar muito tempo, sem cair na crítica sobre a conduta do próximo. Ao cabo da viagem, São Antão disse aos seus companheiros de viagem: “Tendes tido muito sorte de ter por companheiros este bom velho” e dirigindo-se para um velho, que não abriu a boca durante toda a viagem, dizendo-lhe: “Pois bem! Meu Padre, não é verdade que fizestes uma boa viagem encontrando a companhia destes solitários?”— “É verdade que eles são bons, respondia-lhe o velho, mas não têm porta na sua casa” querendo dizer que não conseguem reter a sua língua e que muitas vezes feriram a reputação do próximo.

ⁿ Biografia dos Padre do Deserto. V. 1, p. 327.

^o Patr. Latim T. XXXII, 52.



Ah meus irmãos, concluamos que há muito pouco que colocam portas na sua casa, isto é na sua boca, para não deixar sair coisas que prejudica o próximo. Feliz aquele que deixará ao lado a conduta do próximo, não sendo encarregado dela, para só pensar em si próprio, gemendo sobre as suas faltas e fazendo todos os esforços para emendar-se! Feliz quem seja apenas preocupado na sua mente e no seu coração das coisas que respeitam a Deus, empregando a sua língua unicamente para pedir perdão a Deus, e os seus olhos para chorar sobre os seus pecados...!

Segundo Sermão - do 11º Domingo depois de Pentecostes – A maledicência

“A sua língua foi desligada e falava muito bem.” (S. Marc. VII, 35)

Como seria desejável que se possa dizer de cada um de nós, o que foi dito deste mudo, que Jesus curou: que ele falava muito bem. Ai! meus irmãos, não poderia, pelo contrário, censurar-nos de falar quase sempre mal, sobretudo, quando falamos do próximo. Qual é de fato a conduta do cristão hoje em dia? Ei-la. Criticar, censurar, denegrir e condenar o que faz o próximo: eis dentre todos os vícios o mais universalmente difundido, e talvez, o pior de todos. Vício que nunca poderíamos suficientemente detestar, vício que tem as conseqüências mais funestas, que acarreta sempre em todo lado perturbação e desolação. Ah! Oxalá, de me dar um destes carvões que o anjo utilizou para purificar os lábios do profeta Isaías,^(P) , afim de purificar a língua de todos os homens! Oh! Quantos males assim poderíamos afastar da superfície da terra, se podéssemos expelir a maledicência. Será que posso, meus irmãos, vos inspirar tanto horror que tenhais a felicidade de vos emendar para sempre?

^P Is. 6, 6-7;



Qual é o meu desígnio, meus irmãos? Ei-lo aí: é de vos fazer conhecer: 1º o que é a maledicência; 2º Quais são as causas dela e as suas conseqüências; 3º a necessidade e a dificuldade da reparação.

I.—Não quero empreender de vos mostrar a grandeza , e fealdade deste crime que faz tanto mal; quer dizer que é a causa de tantas contendas, ódios, assassinatos e inimizades, que duram tanto tempo como a vida das pessoas, visto que não poupa mais os bons do que os maus; basta vos dizer que este crime é um dos arrastam mais almas para o inferno. Creio que vos é mais necessário vos fazer conhecer de quantas maneiras podemos nos tornar culpáveis; para que, conhecendo o mal que fazeis, possais corrigir-vos, e evitar os tormentos que lhe são preparados no mundo do além. Se me perguntais o que é a maledicência, eu dir-vos-ei: É fazer conhecer um defeito ou uma falta do próximo duma maneira capaz de prejudicar, mais ou menos, à sua reputação e isso se comete de várias maneiras:

1º Fazemos maledicência quando imputamos ao próximo um mal que ele não fez ou um defeito que ele não tem, é o que se chama uma calúnia; crime infinitamente horrível, que, no entanto, é muito comum. Não vos enganeis, meus irmãos, da maledicência à calúnia, há apenas um pequeno passo. Se examinarmos bem as coisas, repararemos que quase sempre, acrescentamos ou aumentamos ao mal que denunciemos do próximo. Uma coisa que passa de boca em boca, já não é a mesma, aquele que a disse em primeiro, já não a reconhece, tanto quanto ela foi mudada e acrescentada; Daí, concludo que um maledicente é quase sempre um caluniador, e todo caluniador é um infame. Há um santo Padre que afirma que deveríamos expelir os maledicentes da sociedade dos homens como feras perigosas.

2º Maldizemos quando aumentamos o mal que o próximo fez. Vistes alguém cometer uma coisa: o que fazeis? Em vez de encobrir o pecado com o manto da caridade, ou, ao menos, diminui-lo, aumentai-o. Vereis um servidor que se descansa um pouco, bem como um obreiro; se alguém vos fala dele, direis, sem outro exame, que ele é um preguiçoso, que está a



roubar o dinheiro do seu mestre. Vereis passar uma pessoa num vinha ou num pomar, apanhando umas bagas de uvas, ou algum fruto, o que ela não devia fazer, claro ; logo, ireis narrar a todas as pessoas, que encontréis, que esse tal é um ladrão, que devemos tomar cautela, e isso mesmo que ele nunca tivesse roubado nada; assim do resto... É o que se chama maldizer por exagero. Escutai São Francisco de Sales: “Não digais que um tal é um bêbado ou um ladrão, por tê-lo visto roubar ou se embriagar uma vez. Noé e Lot embriagaram-se uma vez ^(q); no entanto, nem um nem outro foram bêbados. São Pedro não foi um blasfemador por ter blasfemado numa ocasião^(r). Uma pessoa não é viciosa por ter caído uma vez num pecado, e mesmo que ela caísse várias vezes, sempre correríamos o risco de maldizer numa acusação. É o que aconteceu a Simão-O- Leproso, quando viu Madalena aos pés de Jesus, regando-os com as suas lágrimas: “se este homem fosse profeta, como se diz dele, não conheceria que esta mulher aos seus pés é uma pecadora? ^(s) ” ele enganava-se redondamente: Madalena já não era pecadora, mas uma santa penitente, porque os seus pecados lhe eram todos perdoados. Vede ainda este orgulhoso fariseu, que, estando de pé no templo, alardeava-se das suas pretensas boas obras, agradecendo a Deus de não ser como os outros homens, que são pecadores adúlteros, injustos e ladrões, tal como este publicano. Dizia ele que este publicano era um pecador, ao passo que foi justificado na mesma hora. ^(t) Ah! meus irmãos, diz este São Francisco de Sales, porque a misericórdia de Deus é tão grande, que um só instante basta para que ele perdoe o maior crime do mundo. Como, então, podemos nos atrever a dizer, que aquele que ontem era um grande pecador, o fosse também hoje? ”. Concluo dizendo que, quase sempre, enganamo-nos, quando julgamos mal o próximo, qualquer que seja a aparência de verdade que tenha a coisa sobre a qual baseamos o nosso julgamento.

3º Maldizemos, quando fazemos conhecer, sem razão legítima, um defeito escondido do próximo, ou uma falta que não é conhecida. Há pessoas que imaginam que quando sabem

^q Gn. 9, 21;19, 32-34;

^r Mc. 16, 21;

^s Lc. 7, 39;

^t Lc. 18, 11-14;



algum mal do próximo, podem revelá-lo aos outros e conversar sobre ele. Enganai-vos meus amigos. O que temos de mais recomendável na nossa religião do que a caridade? A razão até nos diz que não devemos fazer aos outros o que não quereríamos que se fizesse a nós mesmos. Estudemos isso de mais perto: ficaríamos muito contentes se alguém vos visse cometer uma falta e divulgasse isso a todas as pessoas? Não, sem dúvida, pelo contrário: se tivesse a caridade de escondê-la, seríamos-lhe muito reconhecidos. Vede como isso vos irrita, se alguém dissesse alguma coisa sobre vós ou sobre alguém da vossa família: onde então estaria a justiça e a caridade? Enquanto a falta do vosso próximo fica escondida, ele conserva a sua reputação; mas, logo que a divulgasse, derrubaria-lhe a sua reputação, e, nisso, prejudicaria-lhe muito mais do que quando lhe retirasses uma parte dos seus bens, pois que o Espírito Santo nos ensina que uma boa reputação vale mais que as riquezas.^(u)

4º maldizemos, quando interpretamos mal as boas ações do próximo. Há pessoas que são semelhantes a aranhas, que torna em veneno as melhores coisas. Uma pobre pessoa, uma vez vítima das línguas maledicentes, é semelhante a um grão de trigo de baixo da pedra do moinho: é dilacerada, esmagada e inteiramente destruída. Estas pessoas nos emprestarão intenções que nunca tendes tido, envenenam todas as vossas ações e diligências: se tendes piedade, e quereis cumprir os vossos deveres religiosos, sois apenas um hipócrita, um deus de igreja e um demônio de casa. Se praticais boas obras, eles pensarão que fazeis por orgulho, para parecer bom. Se evitais a multidão, sois um ser exquisito, uma pessoa de mente fraca; se cuidais do vosso bem, apenas sois um avaro; digamos melhor, meus irmãos: A língua do maledicente é como que um verme que rói os bons frutos, quer dizer, as melhores ações do mundo e se esforça de torná-las em má parte. A língua do maledicente é como que uma lagarta, que suja as mais lindas flores, deixando uma baba desgostosa atrás dela.

5º Podemos maldizer calando-nos, e eis como: Louvamos na vossa presença uma pessoa que sabemos ser conhecida de vós; ficando calado e apenas louvando-a fracamente: o vosso silêncio e a vossa reserva faz pensar que conheceis sobre ela alguma coisa de mau que leva a

^u Pv. 22, 1;



vos calar. Outros, maldizem por compaixão. Não sabeis, dizem eles, que conheceis bem esta pessoa; sabeis o que lhe aconteceu? Que pena que se deixou enganar!... Não é verdade, sois como eu, não o tendes acreditado?... São Francisco diz-nos que tal maledicência é semelhante a uma flecha envenenada, que se mergulha no azeite, para que penetre mais à fundo. Até mesmo um gesto, um sorriso, um *mas...*, um aceno de cabeça, um ar de desprezo: tudo isso dá muito que pensar da pessoa de que se fala.

Mas, a maledicência mais negra e mais funesta nas suas conseqüências, é de relatar a alguém o que um outro disse dele ou fez contra ele. Estes relatórios fazem males mais horríveis, que despertam sentimentos de ódio, de vingança, que, às vezes, podem permanecer até à morte. Para vos mostrar como esta espécie de gente é culpável, escutai o que diz o Espírito Santo: “Há seis coisas que Deus odeia, mas detesta a sétima, e esta sétima são os relatórios”^(v). Eis pelo menos, meus irmãos, em quantas maneiras podemos pecar por maledicência. Examinai o vosso coração, e vede se sois, em alguma coisa, culpáveis nesta matéria.

Primeiro, eu vos direi que não devemos acreditar facilmente no mal que se diz dos outros, e, apesar duma pessoa acusada não se defender, não devemos, assim, acreditar que o que se diz seja muito certo; eis um exemplo que vos mostrará que todos nós podemos nos enganar, e que muito dificilmente devemos acreditar no mal que se diz duma pessoa. É narrado na história que um homem viúvo, tendo apenas uma filha única, muito jovem, confiou-a a um dos parentes e foi se fazer religioso num mosteiro de eremitas. A sua virtude fê-lo amável de todos os religiosos. Quanto a ele, gostava muito da vocação; mas, alguns tempo depois, pensando na sua filha, a ternura que sentia por ela, encheu-o de dor e de tristeza de a ter assim abandonado. O Abade do Mosteiro notou isso e lhe diz um dia: “O que se passa convosco, meu irmão, o que vos aflige tanto?”— “Que pena, meu Padre, respondeu-lhe o eremita, abandonei na cidade uma criança muito nova: eis a causa da minha pena.” O Abade não entendeu que se tratava duma filha, e pensando que era um filho, diz-lhe: “ide buscá-lo, e

^v Pv. 6, 16-19;



levai-o para aí perto de vós.” Logo, o eremita partiu, considerando isso como um sinal do céu, foi ter com a sua filha, chamada Marina. Ele diz-lhe de se chamar doravante Marino, proibindo-a de se fazer conhecer como moça, e levou-a para o mosteiro. O seu pai tomou tanto cuidado de lhe ensinar a necessidade da perfeição, para uma pessoa que deixa o mundo, para se entregar a Deus, que, em pouco tempo, ela se tornou um modelo de virtude, mesmo para os mais velhos dentre dos monges, apesar da sua juventude. O seu pai, antes de morrer, recomendou-lhe muito de nunca revelar a sua identidade feminina. Marino apenas tinha dezessete anos de idade, quando o seu pai faleceu; todos os religiosos chamavam-na do nome de Irmão Marino. A sua humildade, que era tão profunda e a sua virtude tão rara, fê-la amar e respeitar de todos os religiosos. Mas o demônio, invejoso de vê-la caminhar tão rapidamente na virtude, ou melhor, Deus, querendo pô-la à prova, permitiu que ela fosse caluniada da maneira mais negra. Era-lhe fácil provar a sua inocência; mas não fez nada. Vereis como uma pessoa que ama verdadeiramente a Deus, considera tudo o que Deus permite que aconteça na nossa vida, até a maledicência e a calúnia, como coisas que servem ao nosso bem. Os irmãos eram acostumados a ir ao mercado alguns dias da semana, para buscar provisões, e o irmão Marino acompanhava-os. O dono do hotel tinha uma filha, que se tinha entregado ao pecado com um soldado. Notando que a sua filha estava grávida, quis saber dela com quem ela pecou; esta moça, cheia de malícia, inventou a mais negra maledicência e a mais horrível calúnia, e disse ao seu pai que era o irmão Marino que a tinha seduzido e que caiu no pecado com ele. O pai, cheio de furor, foi se queixar ao Abade, que foi muito admirado dum tal fato da parte de irmão Marino, que passava por um santo. O Abade fez chegar na sua presença o irmão Marino e lhe perguntou o que ele fez, qual vida ele levou, qual vergonha por um religioso! O pobre Marino, elevando o seu coração para Deus, pediu-Lhe o que devia responder, e, antes de difamar esta filha impúdica, contentou-se a dizer: “Sou um pecador que deve fazer penitência.” O Abade não examinou o assunto mais além, pensando que era culpável do crime de que o acusavam, castigou-o severamente e o expulsou do convento. Mas, esta pobre criatura, semelhante a Jesus Cristo, recebeu os golpes e os insultos, sem abrir a boca, para se queixar nem para fazer conhecer a sua inocência, que para ela era tão fácil. Permaneceu três anos à porta do mosteiro, considerado por todos os religiosos como um



infame; quando os religiosos passavam, prostrava-se diante deles para pedir a ajuda das suas orações, um pedaço de pão, para não morrer de fome. A filha do dono do hotel, tendo dado a luz, ficou algum tempo com a criança; mas logo depois de o ter desmamado, enviou-o para ser entregue ao Irmão Marino, como se ele fosse o Pai. Sem nada fazer parecer da sua inocência, alimentou-o durante dois anos, partilhando com ele as suas pequenas esmolas, que as pessoas lhe davam. Os religiosos comovidos de ver tanta humildade, foram suplicar ao Abade para ter piedade do irmão Marino, representando-lhe que durante 5 anos, ele fazia penitência à porta do Mosteiro, e que era necessário, por amor de Jesus Cristo, perdoar-lhe e recebê-lo. O abade fazendo-o comparecer diante dele, fez-lhe cruéis censuras: “O vosso Pai foi um santo, vos fez entrar aí desde a vossa infância, e tivestes a teimosia de desonrar esta casa pelo crime mais detestável; no entanto, eu vos dou licença para entrar nesta casa com esta criança, de que sois o indigno pai, e vos condeno, em expiação da vossa falta, aos trabalhos mais vis e baixos, e a servir a todos os irmãos. Este pobre Marino, sem proferir uma palavra, se submeteu a tudo, sempre contente e sempre mais decidido de nada dizer que possa fazer conhecer que não era culpável. Este novo trabalho, que mal um homem robusto conseguia realizar, não o desanimou. No entanto, ao cabo de algum tempo, oprimido pelo cansaço do trabalho e das austeridades dos seus jejuns, sucumbiu, e pouco tempo depois, morreu. O Abade mandou, por caridade, que lhe prestasse os últimos deveres como aos outros religiosos; mas, para inspirar mais horror ao vício, o enterrassem longe do Mosteiro, para que se esquecesse dele. Mas, Deus quis fazer conhecer a sua inocência, que ela mantinha escondida desde tanto tempo. Tendo reconhecido que era uma moça: “Meu Deus, exclamaram todos, batendo o peito, como esta santa mulher conseguiu sofrer com tanta paciência, tantos opróbrios e aflições, sem se queixar, tão fácil que era para ela se justificar?” Correram anunciar ao Abade a notícia, derramando lágrimas em abundância e gritando muito: “Vinde, Padre, vinde ver o Irmão Marino”. O Abade, espantado pelos gritos e lágrimas, correu visitar esta pobre filha inocente. Foi apanhado de tão viva dor, que caiu de joelho, bateu o chão com a cabeça, derramando torrentes de lágrimas. Exclamaram todos juntos, ele, e os religiosos desolados: “Oh santa inocente filha, conjuro-vos, pela misericórdia de Jesus Cristo, que me perdoeis todas as penas e injustas censuras que vos tinha feito! — Ai



de mim! Exclamou o Abade, fui na ignorância e vós tendes tido a paciência suficiente para tudo sofrer, e eu tive demasiada pouca luz, para reconhecer a santidade da vossa vida.” Tendo mandado depositar o corpo desta santa filha na capela do mosteiro, foram dar a notícia ao Pai da filha que tinha acusado o Irmão Marino. Esta pobre desgraçada, que falsamente tinha acusado Santa Marina, era, desde o seu pecado, possuía do demônio, e veio toda desesperada, confessar o seu crime ao pé da santa, pedindo-lhe perdão. Foi instantaneamente libertada do demônio pela intercessão dela.

Vede, meus irmãos, como a maledicência e a calúnia fazem sofrer pobres inocentes! Quantas há, mesmo no mundo, pobres pessoas que são acusadas falsamente e no julgamento serão estimadas inocentes. No entanto, os que são acusados desta maneira, devem reconhecer que é Deus que permite isso, e que o melhor meio para eles é abandonar nas mãos de Deus a sua inocência e não se deixar atormentar do fato da sua reputação ser assim ferida, quase todos os santos passaram por esta prova. Vede São Francisco de Sales, que foi acusado diante um grande número de pessoas de ter mandado assassinar um homem para viver com a esposa dele. O santo confiou tudo nas mãos de Deus, e não se deixou afligir por causa da sua reputação ferida. Aos que lhe aconselhavam de defender a sua reputação, respondia que deixava o cuidado de restabelecê-la, a Deus que permitiu que ela fosse ferida, logo que Ele acharia bom. Como a calúnia é coisa muito sensível, Deus permite que quase todos os santos tenham sido caluniados. Penso que o melhor partido que devemos ter neste caso é de se calar, de pedir muito a Deus, de sofrer isso por amor Dele, e de rezar pelos caluniadores. Aliás, Deus só permite isso àqueles pelos quais Ele tem grande desígnios de misericórdia. Se uma pessoa é caluniada, é que Deus decidiu levá-la a uma alta perfeição. Devemos lamentar aqueles que enegrecem a nossa reputação e nos alegrarmos de sofrer isso; porque são benefícios que recebemos para a eternidade. Mas, regressemos agora ao nosso assunto, porque o nosso principal objetivo, é de fazer conhecer o mal que o maledicente faz a ele próprio.



Dir-vos-ei que a maledicência é um pecado mortal, quando a matéria é grave, pois que São Paulo coloca este pecado no número dos que nos excluem do reino do Céu. ^(w) o Espírito Santo ensina-nos que o maledicente é maldito por Deus, que está em abominação diante de Deus e dos homens. ^(x) É verdade que a maledicência é mais ou menos grave, segundo a qualidade, a proximidade e a dignidade da pessoa de que falamos. É por conseqüência, um pecado maior de fazer conhecer os defeitos e vícios dos seus superiores, bem como do seu pai e da sua mãe, da sua esposa, do seu marido, dos seus irmãos e das suas irmãs e da sua parentela, do que o de fazer conhecer os vícios dos estrangeiros, porque devemos ter mais caridade para com os nossos mais próximos, do que pelos outros. Falar mal das pessoas consagradas e dos ministros da Igreja, é um pecado ainda maior, por causa das conseqüências que são tão funestas para a religião e por causa do ultraje que se faz contra o caráter sagrado deles. Escutai, eis o que diz o Espírito Santo, pela boca do profeta: “Maldizer os seus Ministros é tocar na pupila dos olhos de Deus ^(y)” quer dizer, que nada pode ferir e ultrajá-lo de maneira tão sensível como este crime sempre tão grande, que ninguém consegue compreendê-lo... Jesus Cristo também nos diz: “Aquele que vos despreza, despreza a Mim.^(z)”. Assim, meus irmãos, quando estais com paroquianos de outras paróquias, que sempre falam mal dos seus pastores, nunca deveis participar nas conversas; retirai-vos, se possível, ou se não conseguir, calar-se.

Segundo isso, meus irmãos, concordai comigo que para fazer uma boa confissão, não basta dizer que tínhamos feito maledicências contra o próximo; mas dizer ainda se é por ódio, ligeireza, por vingança, se foi para prejudicar a reputação do próximo; precisar se é um superior, um igual, um pai, uma mãe, um dos parentes, pessoas consagradas a Deus; na presença de quantas pessoas: tudo isso é necessário para fazer uma boa confissão. Muitas pessoas enganam-se nesta maneira de confessar; confessam sim que ter feito maledicências, mas sem precisar sobre quem nem qual era a dignidade ou com qual intenção falavam mal

^w 1 Cor. 6, 10;

^x Pv. 24, 9;

^y Zc. 2, 8;

^z Lc. 10, 16;



destas pessoas, o que é causa de muitas confissões sacrílegas. Outras, quando se pergunta se houve prejuízo, respondem que não. Meu amigo vos enganastes; cada vez que revelaste uma coisa escondida da pessoa à quem falastes, prejudica o próximo de que falastes, porque diminuístes a boa estima, que o ouvinte tinha deste próximo. Daí, podemos facilmente concluir que quase nunca conseguimos maldizer duma pessoa, sem prejudicar ou enfraquecer, de qualquer maneira, a reputação do próximo. — Mas, dir-me-eis, quando é público, não há mal algum. — Meu amigo, quando isso é público, é como se dizer que quando uma pessoa tinha o corpo já todo coberto de lepra, salvo um pequeno espaço, é necessário acabar de cobrir o corpo de lepra, pois que já é quase todo recoberto. É o mesmo. Se a coisa é publica, deveis, pelo contrário, ter compaixão deste pobre desgraçado, esconder, e diminuir a sua falta tanto quanto for possível. Vede se é justo, conduzindo uma pessoa doente perto de um precipício, aproveitar da sua fraqueza e do fato de ela estar em risco de cair, para empurrá-la para baixo? Pois bem! Eis o que fazemos, quando reativamos o que já é público.— Mas, dir-me-eis, quando dizemo-lo a um amigo com a promessa de não dizer isso a ninguém? — Ainda vos enganastes, meu amigo; como quereríeis que os outros não divulgassem o que vós não conseguistes calar? É como se dissésseis a alguém: “Olhe, meu amigo, vou te dizer uma coisa, mas suplico-te de ser mais sábio e mais discreto do que eu; tem mais caridade do que eu; não faças, não digas o que eu vou te dizer.” Penso que o melhor meio, é de nada dizer; qualquer coisa que se faz, que se diz, não vos intrometais, mas trabalhai em ganhar o céu. Nunca ficamos arrependidos de não ter dito nada, mas sempre arrependemo-nos de ter falado demais. O Espírito Santo nos diz que “Um tal que fala tanto, não fala sempre bem.^(aa)”

II.— Vejamos agora quais são as causas e as conseqüências da maledicência. Há muitos motivos que nos levam a maldizer o próximo. Uns maldizem por inveja, é o que acontece, sobretudo dentre as pessoas de mesmo estado, para atrair as práticas; vão dizer mal dos outros, que as mercadorias deles não valem nada; ou que eles enganam, que não há nada a buscar neles e que seria impossível encontrar mercadoria a este preço; que muitas pessoas já se tinham queixado... que vão ver que não serão de muito proveito... ou: que o peso não é

^{aa} Pv. 10, 19;



exato, nem a medida. Um operário dirá que tal outro não é bom trabalhador; que, em muitas casas, onde ele foi trabalhar, a pessoa não estava nada contente; ele não trabalha, diverte-se; ou: não sabe trabalhar. “o que eu vos digo, é necessário não repetir a ninguém, porque isso poderia prejudicar-lhe.” “é necessário”, dizeis vós; melhor valeria que vós não tivésseis dito nada, isso seria agir muito melhor.

Um morador vendo que o negócio do seu vizinho prospera melhor do que o seu, irrita-se e falará mal dele. Outros falam mal do seu vizinho por vingança: se tínheis dito ou feito algo a alguém, mesmo por dever de caridade, ele vai vos difamar, inventando mil coisas contra vós, para se vingar. Se se diz bem deles, eles se irritam, dizendo-vos: “Ele é bem como os outros, tem defeitos também; tinha feito isso e dito isso; vós não o conheceis, é porque nunca tivestes coisas a tratar com ele.” Muitos maldizem por orgulho, imaginam elevar-se, rebaixando os outros dizendo mal dos outros; vão fazer valer as suas pretensas qualidades; tudo o que eles dirão ou farão será muito bem, mas tudo o que os outros fizeram será mal. Mas a maioria maldizem por leviandade, como movido por um prurido de falar, sem examinar se é verdade ou não; é necessário falar para eles. Apesar destes últimos serem menos culpáveis do que os outros, isto daqueles que falam por causa do ódio, por inveja ou vingança, não estão sem pecado; por qual motivo que seja, eles ferem não menos a reputação do próximo.

Penso que a maledicência encerra quase tudo o que há de pior. Sim, meus irmãos, este pecado encerra o veneno de todos os vícios, a baixeza, da vaidade, o veneno da inveja, a acidez da ira, o fel do ódio e a leviandade tão indigna dum cristão; é o que faz dizer a São Tiago, Apostolo: “que a língua do maledicente é repleta dum veneno mortal, que é um mundo de iniquidade.^(bb)”. Para quem quer esforçar-se de examinar, não há maior evidência. Não é a maledicência, que semeia a todo lado a discórdia, a divisão, que enreda entre os amigos, que impede os inimigos de se reconciliar, que perturba a paz dos casais, que azeda a relação entre irmãos, entre marido e esposa, , entre sogra e nora, entre genro e sogro. Quantos casais em

^{bb} Tiag. 3, 8;



paz foram perturbados por uma língua maledicente, e que agora os conjuges já não podem nem se ver nem se falar. Qual

é a causa? A única má língua do vizinho ou da vizinha...

Sim, meus irmãos, a língua do maledicente envenena todas as boas ações e evidencia todas as más. É ela que difunde sobre uma família máculas que sujam os pais, e passam a manchar os filhos, e assim, de geração em geração, e talvez nunca vão se apagar. A língua maledicente vai até mexer nos túmulos do mortos, agitar as cinzas destes pobres desgraçados, fazendo reviver, isto é, dando uma nova existência aos defeitos que foram sepultados com eles no túmulo. Que fealdade, meus irmãos, com que indignação não seríeis animados, se vísseis um desgraçado encarniçado contra um cadáver, dilacerando-o em mil pedaços? Isso vos faria gemer de compaixão. Pois bem! Este crime é muito maior, pois trata de renovar as faltas dum pobre morto. Quantas pessoas têm esta atitude, falando de alguém já falecido: “Ah! Ele já fez muitas no seu tempo de vida, era um bêbado incrível, um manhoso da pior espécie, enfim, era um mau vivo.” Ai de ti, meu amigo, talvez estejas enganado, e mesmo

que as coisas fossem tais como dissesstes, talvez agora ele esteja no céu, Deus tenha-lhe perdoado tudo. Mas, onde está a tua caridade? Não vês que estás prejudicando a reputação dos filhos dele, se ele os tem, ou a dos seus parentes? Ficaria contente que se falassem desta maneira dos vossos pais?

Com a caridade, não teremos nada a dizer mal de ninguém, isto é, se nos esforçássemos em examinar antes a nossa conduta e não a dos outros. Mas, colocando a caridade de lado, não achareis um só homem na terra em que não encontrareis alguns defeitos; de maneira que a língua do maledicente encontra sempre matéria para falar. Não, meus irmãos, apenas no dia das vinganças o mal causado pelas línguas dos maledicentes evidenciar-se-á. Vede, a única calúnia que Amam fez contra os judeus, porque Mardoqueu não quis dobrar o joelho diante dele, influenciou o rei a matar todos os judeus. ^(cc) Se a calúnia não fosse descoberta, a nação

^{cc} Ester 3, 6;



judaica teria sido exterminada: era a intenção do General. Oh meu Deus! Quanto sangue derramado por uma só calúnia! Mas Deus, que nunca abandona o inocente, permitiu que este desgraçado percesse pelo mesmo suplício pelo qual ele mesmo queria fazer perecer o judeu Mardoqueu. ^(dd)

Mas, sem ir tão longe, quanto mal não fará uma pessoa que dissesse ao seu filho o mal do seu pai ou da sua mãe ou dos seus professores. Teria-lhe inspirado uma opinião má deles, agora ele vai começar a ter um olhar de desprezo; se não temesse ser castigado, não hesitaria em ultrajá-los. Os pais e as mães, os professores vão maldizê-los, vão fazer imprecações sobre estas crianças, tratá-los-ão duramente; quem será a causa de tudo isso? A vossa má língua. Falais mal dos ministros da Igreja, e talvez até do vosso pastor; enfraqueceis a fé nos vossos ouvintes, por isso abandonaram os sacramentos, vivem agora sem sacramentos; quem é a causa disso? A vossa má língua. Sois a causa de que este negociante e este operário já não têm trabalho tão bom, por causa de tê-los depreciados. Esta mulher, que está em paz como seu marido, tende-vos dirigido calúnias contra ela ao seu marido; agora ele já não pode suportá-la, de maneira que, depois dos vossos relatórios, não existe nada senão ódio e maldições entre eles.

III.—Se as conseqüências da maledicência, meus irmãos, são tão terríveis, a dificuldade da reparação não é menor. Quando a maledicência é considerável, meus irmãos, não basta se confessar; não quero dizer por aí que não se deve confessar; não, meus irmãos, se não confessais as vossas maledicências, sereis condenados ao Inferno, apesar de todas as penitências que poderíeis fazer; mas, quero dizer que confessando-as, é necessário absolutamente, se é possível, reparar a perda, que a calúnia causou ao vosso próximo, e como o ladrão, que não devolve o bem roubado nunca entrará no céu, de mesma maneira, aquele que derrubou a reputação do seu próximo, também nunca entrará no céu, enquanto não fez tudo o que depende dele para reparar a reputação do seu vizinho.

^{dd} Ester 7, 10;



Mas, dir-me-eis, como, portanto, devemos proceder para reparar a reputação do seu próximo? — Eis como: Se o que foi dito contra o próximo é falso, é absolutamente necessário ir encontrar todas as pessoas com quem havíamos falado mal desta pessoa, dizendo que tudo o que foi dito era falso, que foi divulgado por ódio, por vingança ou por ligeireza; quando mesmo devéssemos passar por mentirosos, enganadores, impostores, deveríamos fazê-lo. Se o que dizemos é verdade, não podemos nos desdizer, porque nunca é permitido mentir; mas, devemos dizer todo o bem que conhecemos desta pessoa, para apagar o mal que tínhamos dito. Se esta maledicência, esta calúnia causaram-no alguns prejuízos, temos a obrigação de reparar as conseqüências da maledicência. Vede, meus irmãos, como é custoso admitirmos que somos mentirosos; no entanto, se o que dizemos é falso, devemos fazê-lo, ou nada de céu para nós! Ai meu Deus! meus irmãos, como esta falta de reparação vai condenar muita gente! O mundo está cheio de caluniadores e de maledicentes, e não há quase ninguém que repare, e por conseguinte, quase ninguém será salvo. Não há meia medida, meus irmãos, ou a reparação, quanto for possível, ou a danação. É tal como o bem roubado, vamos ser danados, se podendo devolvê-lo, não o fazemos. Pois bem! meus irmãos, sentis agora o mal que fazeis pela língua e a dificuldade que existe de repará-lo?

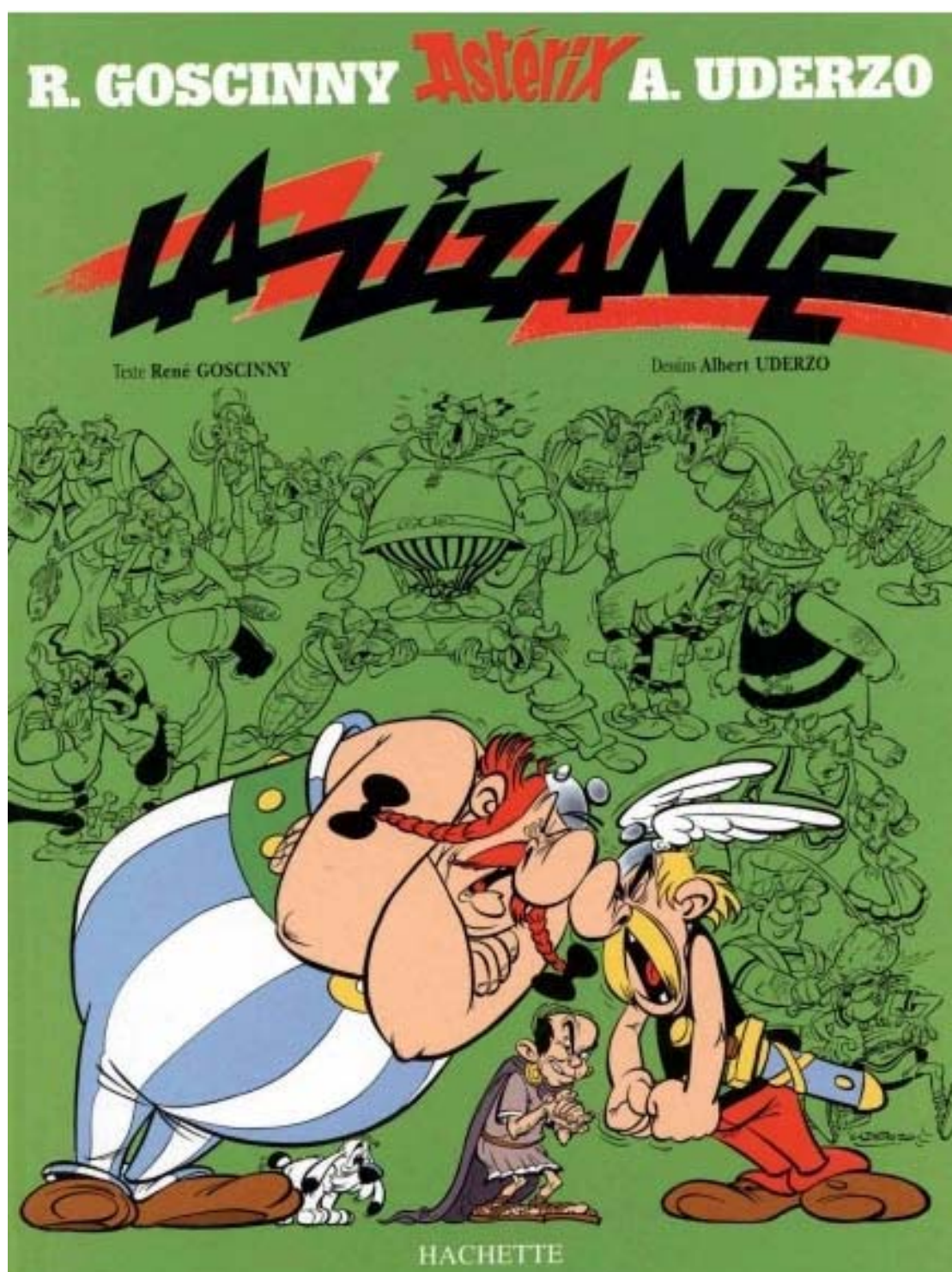
É necessário entender que tudo não é maledicência, quando fazemos conhecer os defeitos duma criança aos seus pais, dos servidores aos seus amos, enquanto que estejam na idéia de se corrigirem, que só falamos aos que podem remediar a isso e sempre inspirados pelo vínculo de caridade.

Termino dizendo que não só é mal proceder como maldizer e caluniar, mas ainda, é mal ouvir a maledicência e a calúnia com prazer; porque se ninguém escutasse, não haveria maledicentes. Por aí, passamos a ser cúmplices de todo o mal que faz o maledicente. São Bernardo disse-nos que é muito difícil saber qual dentre o maledicente e o ouvinte, é mais culpável; um tem o demônio na língua, e o outro, nos ouvidos. — Mas, dir-me-eis, o que devemos fazer quando estamos numa companhia que maldiz? — Eis como: se é um inferior, quer dizer, uma pessoa abaixo de vós, deveis fazê-lo calar, fazendo-lhe ver o mal que está provocando. Se é uma pessoa do vosso nível, deveis, habilmente, desviar a conversa, falando



doutra coisa, ou tornando-se surdo ou indiferente ao que ela diz. Se é um superior, quer dizer uma pessoa que está acima de vós, não devemos censurá-lo; mas, aparecer com um ar sério e triste, que lhe mostre que ele dá pena, e, se podeis ir embora, é necessário fazê-lo.

O que devemos concluir de tudo isso, meus irmãos? Eis como: não tomar o costume de falar da conduta dos outros, pensando que haveria muito o que dizer sobre a nossa conta, se as pessoas conhecessem tal como somos, e de fugir das companhias do mundo tanto quanto for possível, e dizer muitas vezes, como Santo Agostinho: “Meu Deus, dai-me a graça de me conhecer tal como sou” Feliz! Mil vezes feliz, aquele que apenas se servirá da sua língua para pedir a Deus perdão dos seus pecados e cantar os seus louvores! É o que vos desejo...



“A Discórdia”, ilustrada pelo clássico dos quadrinhos Asterix.



Ensino do Catecismo

A JUSTIFICAÇÃO OU A SALVAÇÃO DO HOMEM

— **A. Definição:** A Justificação é, no estado da nossa natureza ferida pelo pecado original e pessoal, a passagem do estado de pecado para o estado da graça.

«Jesus Cristo opera a salvação no pecador, mas não sem o pecador (sem a sua colaboração). O pecador, Aquele que te criou sem ti, não te salvará sem ti» Santo Agostinho

— **B. As disposições:** requeridas pela Justificação da parte do pecador são :

1. A Fé, que consiste em crer em Deus e considerar como verdades as coisas reveladas e prometidas por Deus, e sobretudo, a revelação de que é Deus que justifica o pecador pela sua graça, em virtude da Redenção operada por Jesus Cristo.

A boa vontade é aceitar a Fé e acreditar em tudo o que Deus revela, na medida das nossas possibilidades de conhecer as verdades reveladas. Mas, o mínimo é aceitar a existência de Deus e que Deus recompensa os bons que estão à busca d'Ele e castiga os maus que não crêem e não se conformam ao que Deus quer:

«Sem a Fé é impossível agradar a Deus: de fato é necessário que o que se aproxima de Deus, creia que Ele existe e que é remunerador dos que o buscam» (Hebreus 11. 6).

«*Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. O que crer e for batizado, será salvo; o que porém, não crer, será condenado*» (Marcos 16. 15).



2. O temor da justiça de Deus

O temor de Deus expulsa o pecado. Quem não tem este temor, não poderá ser justo (Eclesiástico 1. 27 e 28).

3. A esperança de ser tratada por Deus com misericórdia por causa do amor de Jesus Cristo.

Aquele que espera no Senhor será saciado (curado). (Provérbios 28. 25). *A Ti recorro, ó Senhor: não serei confundido para sempre* (Salm. 30. 1). *Porque o agarro a Mim, livrá-lo-ei, Protegê-lo-ei, porque reconheceu o Meu Nome.* (Salm. 90. 14).

4. Um início de amor de Deus, que é preciso amar como a fonte de toda justiça.

Aquele que não ama permanece na morte (1João 3. 14.).

5. O ódio do pecado e luta contra ele. O amor seja sem fingimento. *Aborrecei o mal, aderi ao bem* (Rom. 12. 9).

6. A resolução de receber o Batismo (ou o Sacramento da Penitência). de começar a levar uma vida nova e de observar os Mandamentos de Deus. *Porém, se queres entrar na vida eterna, guarda os Mandamentos* (Mateus 19. 17).

— C. As propriedades da Justificação:

1º É incerta. *Porque de nada me sinto culpado, mas, nem por isso me dou por justificado; o Senhor é quem me julga* (I Coríntios 4. 4).; 2º Não é igual para todos (depende dos méritos).; 3º Pode perder-se; 4º Pode recuperar-se.



— **D. Sinais da presença da graça em nós:**

- 1º. Pensar muitas vezes em Deus;
- 2º Ouvir de bom grado a palavra de Deus, ou falar de Deus;
- 3º Guardar os Mandamentos;
- 4º Buscar as coisas espirituais e desprezar as coisas da terra;
- 5º Exercer as obras de misericórdia.

(Encyclopédie de la Foi catholique, Vol. A Graça pág. 55, 56). (Enciclopédia da Fé católica).